

# GEOPOLÍTICAS DA ÁFRICA: SISTEMA-MUNDO E GLOBALIZAÇÃO

*Geopolitics of Africa: World-System and Globalization*

## Rodrigo Corrêa Teixeira

Graduado e Doutor em Geografia (UFMG), Mestre em História (UFMG), Docente do Programa de Pós-graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial – PUC Minas; Professor do Departamento de Relações Internacionais – PUC Minas; Líder do Núcleo de Estudos das Colonialidades – PUC Minas.

[rteixeira@pucminas.br](mailto:rteixeira@pucminas.br)

## Joelton Carneiro de Lima

Bacharel e Licenciado em Geografia (PUC Minas), Mestre em Relações Internacionais - PUC Minas; Membro do Núcleo de Estudos das Colonialidades – PUC Minas; Professor da Secretaria do Estado de Minas Gerais

[joeltonlima2@yahoo.com.br](mailto:joeltonlima2@yahoo.com.br)

## Bento Misson Zerlotini Leal

Graduando em Geografia – PUC Minas; voluntário de Iniciação Científica

[lealmisson@outlook.com](mailto:lealmisson@outlook.com)

## Sebastião Ricardo Machado Meireles

Mestre em Geografia - Tratamento da Informação Espacial – PUC Minas; Professor e Coordenador dos cursos de Geografia e de História do Centro Universitário de Caratinga - UNEC

[sebastiao.ricardo@outlook.com](mailto:sebastiao.ricardo@outlook.com)

Recebido: 30.10.2023

Aceito: 20.12.2023

## Resumo

Considerando que há uma hierarquia das funções no processo de dominação, como se constituiriam as resistências às colonialidades na formação socioterritorial, levando-se em consideração a condição periférica de África no Sistema-Mundo Moderno? Esse trabalho objetiva apresentar e contextualizar economicamente o continente africano no dito Sistema Mundial Moderno. Para tanto, faz-se necessário e pertinente, retomar o pensamento de Immanuel Wallerstein sempre tão atual e consistente.

**Palavras-chave:** África, Immanuel Wallerstein, Sistema Mundo, Economia.

## Abstract

Considering that there is a hierarchy of functions in the process of domination, how would resistance to colonialities be constituted in the socio-territorial formation, considering the peripheral condition of Africa in the Modern World-System? This work aims to present and economically contextualize the African continent in the so-called Modern World System. Therefore, it is necessary and pertinent to resume the thought of Immanuel Wallerstein, always so current and consistent.

**Keywords:** Africa, Immanuel Wallerstein, World System, Economy.

## 1. INTRODUÇÃO

A evolução da economia percebida nas últimas décadas, assim como as novas feições para atores marginais da *arena internacional*, pode ser atribuída a inúmeros fatores, tais como, América Latina e África reposicionando-se de maneira positiva nesse cenário. Assim, deixam margem para novos entendimentos quanto a essa posição no Sistema-Mundo<sup>1</sup>. O revisar dos aspectos da economia, sobretudo ao longo das décadas de 1970, 1980 e 1990 permite-nos repensar o dependentismo<sup>2</sup>. No mesmo contexto sistêmico, tais mudanças permitem-nos buscar compreensão da cristalização de posição dos países centrais.

A Análise do Sistema-Mundo de Immanuel Wallerstein é imprescindível para compreender a articulação macroeconômica entre os Estados do mundo contemporâneo. O objetivo deste trabalho é lançar olhares para o Mundo Africano por meio da abordagem do Sistema-Mundo Moderno. Diante disso, é possível questionar como se constituíram as resistências as colonialidades na formação territorial, considerando a condição periférica de África no Sistema-Mundo Moderno?

Desta forma, o presente artigo se divide numa análise em quatro seções, tratando de: 1) uma definição do Sistema-Mundo Moderno; 2) o processo histórico envolvendo a América Latina e a África no Sistema-Mundo Moderno; 3) A herança colonial África, principalmente, nos desdobramentos de seu desenvolvimento econômico; e 4) as Considerações Finais.

## 2. O SISTEMA-MUNDO MODERNO

O Sistema-Mundo Moderno foi um conjunto de conceitos desenvolvido pelo norte americano Immanuel Wallerstein numa obra em três volumes, na qual, discute-se a ideia capitalista da divisão internacional do trabalho e a posição de cada país nesse sistema/estrutura. A premissa central da obra possibilita analisar que nos primórdios do

---

<sup>1</sup> O *World-System* (Sistema-Mundo) trata-se de uma zona espaço-temporal que recorta muitas unidades políticas e culturais e obedece a certas regras sistêmicas; o hífen serve para lembrar que os termos não se referem a sistemas, economias e impérios *do* mundo, mas se referem a sistemas, economias e impérios que são o mundo; preferimos registrar com as letras iniciais maiúsculas nessa palavra composta, ainda que não seja usual na língua portuguesa, a fim demarcar a particularidade conceitual em consonância com o que pensador quis imprimir; o plural é *World-Systems* (Sistemas-Mundo); optamos por *Sistema-Mundo* como uma possibilidade mais adequada de tradução, ao invés de *Sistema Mundial*, forma utilizada tanto em Portugal, quanto na Espanha.

<sup>2</sup> O dependentismo ou Teoria da Dependência busca analisar as relações econômicas de regiões tidas como periféricas com os centros do capitalismo. Tais relações colocam países do continente africano e da América Latina, por exemplo, sob um sistema de dependência dos países imperialistas e de poderosos grupos econômicos.

capitalismo, a divisão do mundo é evidenciada em três estruturas que se entrelaçam e se dividem articulando-se de modo hierárquico:

- Centro; encarregados da produção de mercadorias de maior complexidade tecnológica e alto valor agregado.
- Semiperiferia; são os eixos de articulação entre os “mundos”. Esses países, ora se comportam como centro, estando em contato com os periféricos, ora portam-se como periferia estando em contato com os centrais.
- Periferia; encarregados da entrega de bens de “baixo valor agregado”. Para além disso são os fornecedores de commodities e matérias-primas fundamentais para a transformação em países centrais

Destaca-se que esse processo de articulação cria um padrão de (inter)dependência econômica, na qual a diferença tecnológica e o poderio econômico deixam refém nações mais pobres que sempre recorrerão à boa vontade dos países mais ricos que, diferente de trabalhar em razão da mudança, sustentam o sistema por meio de ajudas humanitárias pontuais e empréstimos condicionados.

Compreender a assimetria de força entre as nações do Sistema mundo é também compreender o descompasso da “evolução” histórica de países distintos. O fato constante é que algumas nações da periferia se assemelham às estruturas feudais. Em Wallerstein o feudalismo é usado para explicar e dissociar a força das relações e o caráter comercial no qual um vende o pouco que produz, em sua maioria com o trabalho com a terra em detrimento à sua capacidade de comércio longínquo.

Wallerstein, mesmo apontando o caráter multifacetado de todos os atores e seu posicionamento rígido, não se equivoca ao cravar uma única nação como centro, nem determinar a imutabilidade de posições, o que possibilita uma análise decolonial num fluxo (ou contrafluxo) de resistências e oportunidades. Sem distanciar-se do foco, imagina-se um fortalecimento à medida que se distancia da periferia em direção ao centro. O poder aumenta, crescem as expectativas e papéis são ressignificados. O entendimento de tais questões em tempos de longa duração, no contexto africano, faz pensar e de forma instigante perceber as várias mutações do papel africano nas engrenagens do dito Sistema.

No contexto das relações comerciais e sua pretensa evolução, Wallerstein ainda esclarece e alerta para a estagnação do comércio e problemas financeiros pelo descompasso nas relações entre os atores. As pressões e o abandono da produção podem

ser marcas e consequências do empobrecimento de Estados Nacionais que não se alinham às imposições do Sistema-Mundo (Wallerstein, 1990, p. 36).

O posicionamento de um Estado, ou um conjunto deles, no *status* periférico parece remontar a uma série de fatores muito mais da perspectiva do observador que objetivamente do observado. Porém, existem Estados com maior poder de decisão, influência, determinação e porque não, coerção que outras e, a essas atribui-se uma posição menos marginais que outras.

### 3. A AMÉRICA LATINA E A ÁFRICA NO SISTEMA-MUNDO MODERNO

Os ciclos de distribuição econômica mundial vivenciados pelo Sistema Capitalista fundamentam-se, sobretudo, em um processo que é global, histórico e adaptativo. Dentro desse contexto histórico-evolutivo, pode-se apresentar o capitalismo em quatro vertentes: *o concorrencial, o monopolista, o monopolista de Estado e o contemporâneo concorrencial global*. Do ponto de partida analítico, o Capitalismo Concorrencial foi a Primeira Revolução Industrial que teve seu salto tecnológico entre o século XVIII e início do século XIX, na Inglaterra, envolvendo máquinas a vapor, e por conseguinte a energia elétrica (Wallerstein, 1997/1998).

Com a "liberação das forças de produção" para que os "elementos capitalistas" no Pós Segunda Guerra Mundial, intensifica-se o interesse das grandes potências capitalistas em relação à América Latina. O posicionamento latino-americano com a criação da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe - CEPAL (1948) soa como rebeldia antagônica aos interesses do capital, sobretudo, estadunidense, já que as soluções de desenvolvimento regional perpassavam a substituição das importações e no fortalecimento da indústria local. Os estadunidenses contestaram. Com as temidas melhorias na economia latino-americana nas décadas de 1950 e 1960, a argumentação dos teóricos dependentistas era quase improvável evitar o confronto:

Até certo ponto, as recomendações da Cepal foram seguidas pelos governos latino-americanos e, efetivamente, houve uma melhoria econômica, embora limitada, nos anos 50 e 60. Sabemos agora que esta melhoria não perdurou e foi, em primeiro lugar, consequência da tendência geral das atividades econômicas no âmbito mundial num período Kondratieff-A. Em todo caso, a melhoria da situação média da América Latina parecia insignificante para a maioria dos intelectuais latino-americanos que decidiram radicalizar a linguagem da Cepal. Chegamos à época dos dependentistas, primeira versão (entre outros Dos Santos, Marini, Caputo, Cardoso dos anos 60, e Frank, o mesmo que Amim fora da América Latina) (Wallerstein, 1997/1998, p. 251).

Os pensadores da Teoria da Dependência também não apresentaram soluções eficientes e fundamentadas sobre o foco econômico, no sentido mais operacional, tendo em vista o caráter marxista-emancipatório dos posicionamentos, por serem eminentemente políticos, com forte crítica ao imperialismo e apontando para a necessidade de reestruturação na sociedade.

As argumentações dependentistas vinham em uma época dourada do movimento de esquerda no mundo, em face da aparente estagnação econômica por parte das instituições políticas que sustentam o Sistema Capitalista. O retrocesso, sobretudo a partir da década de 1970, nos governos revolucionários do Terceiro Mundo surge pela retirada gradual de potências mundiais apoiadoras, considerando o estancamento da economia mundial frente as crises capitalistas. Enquanto na década de 1970, a lista dos novos países industrializados principais incluía normalmente o México e o Brasil, ao lado da Coreia e Taiwan, na década de 1980 México e Brasil desapareciam desse ranking, deixando só os Tigres Asiáticos, Singapura, Hong Kong, Coreia do Sul e Taiwan (Wallerstein, 1997/1998, p. 252).

Enquanto os países centrais desenvolveram uma política de bem-estar-social em resposta à uma longa trajetória de mobilização cidadã nacional na qual a lógica da luta de classes foi substituída pelo orgulho nacionalista. No entanto, esse avanço nos direitos para as sociedades dos países centrais foi financiado pela América Latina e o Terceiro Mundo, em virtude das condições assimétricas do comércio internacional.

A crise estrutural do Sistema Capitalista e do próprio Sistema-Mundo Moderno no início do século XXI, tem inúmeras sinalizações entre as quais destacam-se, por exemplo, a desruralização do mundo e as pressões do proletariado urbano. Diante disso, a crise no consumo pode ser atenuada com crescimento moderado da renda do proletariado em detrimento a perda parcial dos proprietários e os problemas ecológicos:

Por que existe hoje uma crise ecológica? Não é complicado explicá-la. A fim de maximizar os lucros, há dois recursos principais para um capitalista: não pagar demasiado aos operários e não pagar demasiado pelo processo de produção. Como fazer isso? De novo é óbvio: fazê-lo pagar em grande parte por "outros". Chama-se a isto de "externalização de custos". Há dois métodos principais de externalizar custos. Um é esperar que o Estado pague pela infra-estrutura necessária à produção e à venda dos produtos. A desagregação dos Estados representa uma ameaça aguda para isso. Contudo, o segundo e mais importante método é não pagar os ditos custos ecológicos: por exemplo, não replantar os bosques cortados ou não pagar pela limpeza de resíduos tóxicos (Wallerstein, 1997/1998, p. 264).

Quanto a ecologia e o custo de mitigação dos danos, o Estado já não pode custeá-los, enquanto os diferentes movimentos ecológicos surgem. Estes agora fortes são sérios entraves para empresários por todo mundo.

#### 4. A HERANÇA COLONIAL EM AFRICA

Ditado pelas economias centrais, o funcionamento do Sistema-Mundo compromete na África o sonho de autodeterminação do continente. Nesse sentido, Mabucanhane (2022) destaca que esse sistema determinará o desejo africano de desprender-se das rédeas colonialistas. A emergência de uma neocolonização pós independência, inerente quanto ao funcionamento deste sistema, impede concreta emancipação do continente. Portanto, fundamenta-se sob este pretexto o entendimento da persistência do que se considera por subdesenvolvimento nos países africanos.

Para que as relações centro-periferia continuem a possibilitar a preponderância dos interesses capitalistas na região geopolítica em questão, estas se estruturam em um contexto neocolonial, observado após a independência dos Estados Africanos. Ao impedir uma concreta emancipação do condicionamento imperialista, a centralidade é capaz de minar a autodeterminação do continente.

Sob pretexto de que o subdesenvolvimento do continente é resultado de fatores endógenos, o neocolonialismo propicia novas oportunidades de acumulação de capital para as antigas metrópoles, agora pautadas em um imperialismo financeiro que reproduz a dependência sistêmica do continente em relação aos países centrais. O então “novo” elo entre os Estados Africanos e os países centrais intensifica a interdependência por meio desta relação centro-periferia:

(...) Para demonstrar como ocorre o casamento entre as antigas metrópoles com as novas lideranças africanas, Dias, Lúcio e Coelho (2014) recorrem à narrativa de elite capture na qual as elites africanas fazem uso do poder para enriquecer à custa dos recursos que controlam. E como não têm capital para investir na exploração dos recursos naturais, usam o capital das metrópoles, gerando o patrocínio, nepotismo e clientelismo. Este comportamento não é produto apenas de atitude deliberada africana, mas também, de condicionalismo das potências ocidentais no acesso ao mercado e outros bens valiosos no processo de desenvolvimento das nações. (Mabucanhane 2022, p. 14)

No entanto, o que se pode observar é a externalização dos custos de produção por parte dos países centrais. De maneira perversa, limitando o acesso ao mercado para os países africanos (Mabucanhane, 2022), estrutura-se um ciclo em que a nova elite africana recorre ao capital das antigas metrópoles, se endividando afim de engrenar as atividades de produção que atendem os interesses dos próprios capitalistas.

A lógica de funcionamento do neocolonialismo é então reestruturada sob práticas que, por meio de diversas formas de coerção, limitam a soberania dos recém Estados independentes. Agora endividados, alguns governos africanos propõem políticas para contornar o déficit econômico que se estrutura em seus orçamentos. Porém, vê-se que para além das dívidas, tais políticas também criam situações onde a soberania dos Estados é ameaçada.

O apoio direto ao orçamento do Estado e as ações “solidárias” dos “parceiros de cooperação para o desenvolvimento”, chega a transformar-se em dívidas a serem pagas pelos governos africanos. Não tendo possibilidade de pagar tais dívidas, alguns governos africanos, optam por entregar a terra e os recursos naturais através de mecanismo de concessões com isenções aduaneiras, cujo período de exploração é de aproximadamente 50 anos renováveis por igual período. Por esta via, os recursos naturais são saqueados/roubados e exportados em bruto para os países que apoiam os orçamentos dos Estados africanos (Catsossa, 2021, p. 326).

De acordo com um dos pilares do Sistema-Mundo-Moderno (Quadro 01 – Análise do Sistema-Mundo na compreensão do Sul Global: características e interpretações), mais especificamente o desenvolvimento de métodos diferenciados de controle do trabalho para diferentes produtos e diferentes zonas da economia-mundo, está a presença do capital corporativo na África (Catsossa, 2021, p. 324). Introduce-se um modelo de exploração das terras africanas, no qual empresas de capital estrangeiro expropriam as terras dos camponeses, direcionando a produção africana para atender as demandas do mercado internacional a partir da produção de *commodities*.

Agora integrados ao Sistema-Mundo, determinados governos africanos submetidos a estas práticas coercitivas quanto ao controle do trabalho permitem a partir da venda e/ou arrendamento de terras a entrada massiva de multinacionais no território. Modifica-se então a organização estrutural das sociedades nativas, ao expropriar o camponês de suas terras levando a uma integração forçada ao modelo de exploração neoliberal.

As concepções convencionais veem a África, geralmente associada a baixos índices econômicos e sociais, entregue a sua própria sorte, representando, via de regra, a face por excelência do subdesenvolvimento, do não-progresso. Ainda que não se compartilhe das análises que associam a África a esses prognósticos sombrios, há certamente, elementos de colonialidade ainda presentes que são melhor compreendidos pela perspectiva Sistema-Mundo. O conceito de Sistema-Mundo é fundamental nas Humanidades. Sua operacionalização apresenta múltiplas possibilidades interpretativas a serem exploradas, especialmente nos entrelaçamentos entre a geopolítica, história global, relações étnico-raciais, dinâmica das classes sociais, hierarquia de gênero, desenvolvimento sustentável, entre outras temáticas.

**Quadro 01:** Análise do Sistema-Mundo na compreensão do Sul Global: características e interpretações.

Aspecto	Referências / Citações / Exemplificações
Concepção de Ciência	Wallerstein ressalta repetidamente em vários textos e análises, que o Positivismo varreu o mundo intelectual com a crença em leis universais aplicadas à realidade social e alimentadas, paralelamente, pelo progresso técnico encarnado nas “certezas” das Ciências Naturais; a distinção entre ideográfico (valorizando as particularidades) e nomotético (generalizante) tornou-se central ao emergir a ideologia de um mercado autossuficiente supostamente separado da política; seria impossível qualquer descrição ou análise de acontecimentos sem usar conceitos que implicam teorização e generalização sobre fenômenos recorrentes, assim como nenhuma teorização ou generalização é a-histórica; os conceitos e teoremas são historicamente enraizados e válidos dentro de certos parâmetros de tempo e espaço;
Originalidade Teórica	Não aceitar o pressuposto de que a realidade pode ser adequadamente compreendida separadamente pelas várias disciplinas em que se dividem as Ciências Sociais e as Ciências Humanas; a perspectiva Centro-Periferia já tinha sido objeto de inúmeros cientistas sociais e economistas (destaque para a “Teoria da Dependência”), no entanto Wallerstein traz o conceito de “Semiperiferia” como uma categoria fundamental na Análise do Sistema-Mundo;
Originalidade Metodológica	A Análise do Sistema-Mundo promove a superação do nacionalismo metodológico, não tomando o Estado/economia/sociedade nacional como unidade de análise; ao mesmo tempo que define outra unidade de análise (Sistema-Mundo) para se estudar a mudança social, viabiliza os demais níveis de análise geopolíticos;
Concepção de Sistema-Mundo	“Um sistema mundo é um sistema social, um sistema que possui limites, estruturas, grupos associados, regras de legitimação e coerência. A sua vida é feita das forças em conflito que o mantêm unido por tensão e o dilaceram na medida em que cada um dos grupos procura eternamente remodelá-lo em seu proveito. Tem as características dum organismo, na medida em que tem um tempo de vida durante o qual suas características mudam em alguns aspectos e permanecem estáveis noutros” (WALLERSTEIN, 1990, p. 337);
Concepção de Tempo	As concepções braudelianas do tempo como duração dos acontecimentos/processos e da história como dialética das durações, ou seja, como resultado da mútua interação dos tempos curto (acontecimento), médio (conjuntura) e longo (estrutura), sendo este último o tempo mais adequado para estudar as mudanças sociais relevantes; procurou-se balancear devidamente fatores determinantes, condicionantes e coadjuvantes <i>no curso do movimento histórico concreto</i> , buscando analisar o tempo conjuntural, sem perder a perspectiva do tempo estrutural de longa duração (cf. BRAUDEL, 1997, 1998a e 1998b);

Continua ...

Continuação...

<p>Tendência histórica</p>	<p>“Sustento que, empiricamente, houve três desses modos. Os “minissistemas”, assim chamados porque são espacialmente pequenos e, com toda a probabilidade, relativamente breves no tempo (uma duração de cerca de seis gerações), são altamente homogêneos em termos de estruturas culturais e de governo. A lógica básica é a da “reciprocidade” nas trocas. Os “impérios mundiais” são vastas estruturas políticas (pelo menos no ápice do processo de expansão e contração que parece ser o destino de todos eles) e abarcam uma ampla variedade de padrões “culturais”. A lógica básica do sistema é a extração de tributo daqueles que de outra forma são produtores diretos localmente auto administrados (sobretudo rurais), que é passado para o centro e redistribuído entre uma sofisticada e crucial rede de funcionários. As “economias mundiais” são vastas e desiguais cadeias de estruturas de produção, dissecadas por múltiplas estruturas políticas. A lógica básica é que o excedente acumulado é distribuído desigualmente em favor daqueles que são capazes de realizar vários tipos de monopólios temporários nas redes de mercado. E uma lógica “capitalista” (WALLERSTEIN, 1996, p. 459-460); na longuíssima duração a tendência foi as economias-mundo tornarem-se impérios-mundo; a economia-mundo global rompeu com essa tendência; o Sistema-Mundo Moderno (doravante, SMM) é um sistema histórico do tipo economia-mundo que nasceu na Europa acerca de cinco séculos e que poderá desaparecer, como outros sistemas históricos o fizeram (por exemplo, o Império Romano);</p>
<p>Pilares do Sistema-Mundo Moderno</p>	<p>1 - Uma expansão com a dimensão geográfica do mundo; 2 - O desenvolvimento de métodos diferenciados de controle do trabalho para diferentes produtos e diferentes zonas da economia-mundo; 3 - A criação de aparelhos de Estado relativamente fortes naqueles que viriam a tornar-se os Estados centrais desta economia-mundo capitalista<sup>3</sup> (WALLERSTEIN, 1990, p. 335-346);</p>
<p>Lógica de Funcionamento</p>	<p>Funcionamento do SMM é um movimento expansivo e uma resultante transitória do processo de competição entre as Grandes Potências e seus capitais financeiros, pela conquista de novos territórios econômicos;</p>
<p>Estado e Economia</p>	<p>“Não estou a defender aqui o clássico argumento da ideologia capitalista segundo o qual o capitalismo é um sistema baseado não na interferência do Estado nos assuntos econômicos. Antes pelo contrário! O capitalismo baseia-se na constante absorção das perdas econômicas pelas entidades públicas, enquanto os ganhos econômicos se distribuem entre mãos ‘privadas’” (WALLERSTEIN, 1990, p. 338); <i>A Índia existe?</i> Este é o título de um breve texto de Wallerstein: “No mundo contemporâneo há uma entidade política de nome Índia; logo, a Índia obviamente existe” (WALLERSTEIN, 1990, p. 153); mas nos convida a pensar sobre quando e quem criou a Índia; Wallerstein toma a Índia como exemplo para três proposições, que ele julga poderiam ser aplicadas “ao Paquistão, Inglaterra, Brasil ou China”: 1 - a Índia é uma invenção do Sistema-Mundo; 2 - a história pré-moderna da Índia é uma invenção da Índia moderna; 3 - ninguém sabe se daqui a duzentos anos a Índia ainda vai existir;</p>

Continua ...

<sup>3</sup> No caso da América Latina – Brasil incluído - as mudanças relevantes começaram em 1492, como parte do processo de formação do que Wallerstein (1990) chamou Economia-Mundo; todo fato ou processo tem seu espaço/território, as forças propulsoras destas mudanças se localizavam na Europa e seus efeitos se faziam sentir em várias regiões geopolíticas globais; foi esta característica empírica dos processos econômicos, políticos, sociais e culturais da expansão europeia que levou Wallerstein (1990) a concluir que os Estados Nacionais não eram os espaços relevantes para estudar as mudanças em curso a partir do século XVI; propôs a noção de Economia-Mundo.

Continuação..

<p>Desigualdade</p>	<p>A Economia-Mundo Capitalista é o sistema social formado por dois subsistemas: 1 - o econômico, constituído pelas cadeias mercantis<sup>4</sup> que se espalham por todo o globo, e que são comandadas por capitalistas, quer dizer, os agentes econômicos movidos pela acumulação incessante de capital (WALLERSTEIN, 1990)<sup>5</sup>; 2 - o político, constituído pelo subsistema interestatal, quer dizer pelo conjunto de jurisdições políticas que chamamos de Estados Nacionais, que estabelecem entre si uma rede de relações e compromissos; nenhum Estado é um ator isolado e totalmente autônomo/soberano; os dois subsistemas foram – e continuam - sendo definidos interativa e simultaneamente<sup>6</sup>, não cabendo falar de precedência ou relevância de um sobre o outro; o que destaca-se é que a ambos é inerente a competição, que acaba sendo a força motriz do sistema como um todo (a Economia-Mundo Capitalista); o desenvolvimento deve ser visto como um processo sistêmico que se concretiza - desigualmente - nos diferentes espaços da economia-mundo capitalista; o que se desenvolve é a Economia-Mundo capitalista (2006);</p>
<p>Concepção de Soberania</p>	<p>A soberania é sempre delimitada no âmbito do SMM; a soberania é um mito, que todos se utilizam, que possui diferentes consequências, em diferentes momentos do Sistema-Mundo; nosso julgamento moral depende da totalidade das dinâmicas geopolíticas e geoeconômicas e não do mito da soberania;</p>
<p>Divisão Internacional do Trabalho</p>	<p>SMM é apenas um dos chamados sistemas históricos, nos quais a vida social transcorre: “o sistema e as pessoas são regularmente reproduzidos por meio de algum tipo de divisão contínua do trabalho” (WALLERSTEIN, 1996, p.459); o SMM se caracteriza por uma divisão internacional do trabalho, de modo que alguns países produzem matérias-primas, outros produzem produtos semi-industrializados e industrializados de baixa e média tecnologia e outros de alta tecnologia; uma economia-mundo compreende muitas culturas e grupos (religiões, idiomas e comportamentos), porém o que garante unificação à estrutura é a <i>divisão do trabalho</i>; as economias-mundo não possuem estrutura política geral, não há nenhum limite social para a busca por lucros, somente o limite que impõe o mercado; “falar de cadeias mercantis significa falar de uma divisão social estendida do trabalho, a qual, ao longo do desenvolvimento do capitalismo histórico, tornou-se cada vez mais funcional e mais ampliada geograficamente, e ao mesmo tempo cada vez mais hierárquica. Essa hierarquização do espaço na estrutura dos processos produtivos levou a uma crescente polarização entre as áreas centrais e periféricas da economia mundo, não só em termos de critérios distributivos (níveis de renda real, qualidade de vida), mas também, de modo ainda mais importante, nos loci da acumulação de capital”. (WALLERSTEIN, 2001, p. 28-29); para a conjuntura atual demonstra-se que há um conflito entre trabalho-capital como processo histórico em escala mundial; como “respostas estratégicas” ou “soluções” a esse conflito e aos movimentos de trabalhadores organizados e fortes, os capitalistas possuem um modelo constituído por quatro tipologias de “soluções” que são postas em prática sempre que necessárias - estas são:</p>

Continua...

<sup>4</sup> Uma cadeia mercantil é formada pelo conjunto de processos necessários para que uma mercadoria seja produzida, comercializada e consumida; as fases desses processos são denominadas nódulos.

<sup>5</sup> O conceito de capitalista difere bastante daquele de Marx, mas difere também, ligeiramente, do adotado por Arrighi (1994), quem, seguindo Braudel (1997, 1998a e 1998b, edições brasileiras), considera capitalista a agente econômico que procura (e tem condições para) obter o lucro máximo, e não apenas lucro, ou qualquer lucro.

<sup>6</sup> Sobre o simultâneo e interativo processo de formação desses subsistemas, ver Arrighi (1994).

Continuação...

	<p>1 - <i>Solução espacial</i>: relocação geográfica da produção - ao deslocar ou ameaçar a deslocar a competição, os trabalhadores são colocados a competir entre si; 2 - <i>Solução tecnológica/organizacional</i>: introdução de tecnologias para reduzir a mão-de-obra e a reestruturação das organizações (ampliação da terceirização e relações trabalhistas contingentes); 3 - <i>Solução de produto</i>: deslocamento do capital para novas linhas de produção, menos sujeitas à competição e aos conflitos; 4 - <i>Solução financeira</i>: deslocamento do capital da produção para as finanças e especulação (SILVER, 2005);</p>
Papel da Potência Hegemônica	<p>O SMM baseia-se na competição intercapitalista e na existência de uma hierarquia de poder, sob o comando de uma potência hegemônica, em cada ciclo hegemônico da história; o núcleo do sistema interestatal formado pelas grandes potências sempre foi reduzido e com barreiras à entrada bem estabelecidas, e tal grupo apresentou uma composição relativamente estável no decorrer dos séculos; a partir do século XIX, o problema da concentração de poder teria se tornado ainda mais evidente, com o grande aumento observado da formação dos novos Estados nacionais, formados fundamentalmente de ex-colônias que, em geral, foram alocadas estruturalmente à periferia do SMM;</p>
Papel da Semiperiferia	<p>Wallerstein apontou a existência “áreas semiperiféricas que estão entre o centro e a periferia numa série de dimensões, tais como a complexidade de atividades econômicas, a força do aparelho de Estado, a integridade cultural, etc. [...] a semiperiferia não é um artifício de pontos de corte estatísticos, nem uma categoria residual. A semiperiferia é um elemento estrutural necessário numa economia-mundo” (WALLERSTEIN, 1990, p. 339); essas áreas desviariam as pressões políticas que na sua ausência a periferia dirigiria contra o centro;</p>
O caráter das Relações Internacionais	<p>A dinâmica internacional é hierárquica, não anárquica; Economia-Mundo capitalista, como totalidade a ser estudada, pode ser decomposta em dois subsistemas, o político e o econômico - se formaram juntos, são inseparáveis e hierarquizados: uma das características essenciais da economia-mundo capitalista é a desigualdade (entre Estados, regiões, classes, etnias, profissões, etc.); em geral, o caráter das relações internacionais depende das configurações de poder e de interesses estratégicos entre os maiores e menores poderes do SMM; por exemplo, as condições naturais determinaram a produção na periferia de produtos de agricultura temperada ou de agricultura tropical, o que por si só já estabeleceria diferenças significativas entre esses países;</p>
Movimentos Anti-sistêmicos	<p>Há uma constatação generalizada de que há nas últimas décadas perdeu-se o espírito revolucionário e transformador, as ações sociais estão difusas nos SMM, marcadas por apatias sociais, manifestações de violência, por reclames de justiça social e reconhecimento mútuo, muitas vezes muito além de necessidades materiais; a emergência dos movimentos anti-sistêmicos não apenas possibilita uma nova categoria de movimentos sociais, mas ressignifica as ações das lutas sociais nesta crise sistêmica do SMM; o diferencial é que estes movimentos ocorrem de dentro para fora, pois não há mais movimentos de choque e negação total a hegemonia capitalista e aos princípios neoliberais; os movimentos anti-sistêmicos possuem uma dualidade, no momento em que sua atuação é, ao mesmo tempo, por dentro e fora do sistema; é interior quando se luta por reconhecimento, por</p>

Continua...

Continuação...

	Direitos Humanos e quando os atores sociais incorporam todas as facetas do fetichismo da mercadoria, do consumo, dos processos de alienação e coisificação dos sujeitos; e é exógeno quando as manifestações atingem o auge nu e cru de toda a negação de pertence ao sistema; Neste sentido, a ação dos movimentos anti-sistêmicos somente será universal quando contiver, na práxis, elementos universais de intencionalidade; Aqui há um problema de toda teoria social: a relação entre sujeito e estrutura - as estruturas são feitas por indivíduos e neste sentido há que se pensar nos caminhos para a moralidade dos sujeitos e apostar na esperança de compreendermos que a História é feita por ciclos;
1ª interpretação de síntese	O SMM é igual (se justapõe) ao Sistema Capitalista;
2ª interpretação de síntese	O SMM é mais amplo que o Sistema Capitalista;
3ª interpretação de síntese	O SMM é mais amplo que o Sistema Capitalista e se move a partir de vários centros de poder que questionam o eurocentrismo política, social, cultural e economicamente (Movimentos Anti-sistêmicos);

Fonte: Elaborado pelos autores.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As perspectivas de Wallerstein podem ser suporte importante para a compreensão da inserção da África no Sistema-Mundo Moderno. A crise estrutural do capitalismo no início do século XXI e do próprio Sistema-Mundo Moderno apresentam inúmeros indícios, entre as quais destacam-se a desruralização, as migrações internacionais, as tentativas de reorganização da distribuição da renda do proletariado, os problemas ecológicos, as novas epidemias, a xenofobia e a emergência de elites com traços fascistas em sociedade nacionais.

A África passou por uma experiência colonial intensa em diversas temporalidades, com mudanças econômicas, sociais e culturais produzidas na fricção entre os poderes hegemônicos e as vigorosas resistências na virada do século XIX para o XX, pulverizadas e de gradação muito variada. Esse contexto trouxe os ingredientes para as lutas políticas nacionais e pan-africanistas no transcurso dos séculos XX e XXI (Matos; Teixeira, 2022).

Para além do reconhecimento do processo de dominação colonial na África em sua capacidade perversa de desestruturar a vida econômica, social e cultural, deve-se considerar as variantes locais e regionais, que tornam necessária a análise de cada momento e região geopolítica específica para a avaliação da totalidade dos processos econômicos e geopolíticos. Como a Análise do Sistema-Mundo nos permite compreender a situação colonial, em geral, entende-se que as elites político-econômicas dos Estados

africanos foram quase inevitavelmente oriundas das áreas de maior contato com a exploração colonial.

A economia internacional e a geopolítica apresentam-se numa mobilidade constante, que cada vez mais apreendida como um capital num mundo onde a circulação, material e imaterial, se torna produtiva e constitui um instrumento possível a serviço do desenvolvimento. Na África as interações espaciais nas áreas fronteiriças se tornaram mais intensas fazendo surgir novos polos de dinamismo comercial e econômico nas periferias do Sistema-Mundo Moderno. As mobilidades populacionais constituem, nessas áreas, um fenômeno relevante que confirma que a fronteira é um espaço de ruptura (fronteira-linha) e um espaço de cooperação se alimentando das discontinuidades jurídicas, fiscais, cambiais e níveis de desenvolvimento para estimular o comércio (fronteira-contato).

Se na imaginação eurocêntrica a África caracterizou-se por supostos mistérios e exotismos a serem desbravados, nos dias atuais é representada nos mapas como periferia abandonada ou descartável. As imaginadas espacialidades indiferenciadas que formariam um bloco monolítico são facilmente desconstruídas quando colocamos à prova as noções estereotipadas de identidade, de unidade e de homogeneidade.

## REFERÊNCIAS

ARRIGHI, G. **O longo século XX**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1994. 408p.

BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII**. Vol. 1: As estruturas do cotidiano. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 542p.

BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII**. Vol. 2: Os jogos das trocas. São Paulo: Martins Fontes, 1998a. 580p.

BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII**. Vol. 3: O tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 1998b. 632p.

CATSOSSA, L. A. Globalização do capitalismo extrativista, recursos naturais e o neocolonialismo na África: desafios e perspectivas para Moçambique. **Revista Entre-Lugar**, v. 12, n. 23, p. 310-355, 2022.

MABUCANHANE, N. Subdesenvolvimento em África: Dilemas, Debates, Realidades e Perspectivas de Políticas Continentais Coordenadas. **Espaço e Economia**, v. 11, n. 23, 2022.

MATOS, P. A.; TEIXEIRA, R. C. África imaginada na Geopolítica Global: perigos e armadilhas. **Caderno de Geografia**, v. 32, n. 71, p. 2318-2962, 2022.

MARX, K. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011. 176p.

SILVER, B. J. **Forças de trabalho**: movimentos de trabalhadores e globalização desde 1870. São Paulo: Boitempo, 2005. 228p.

STERN, S. J. Feudalismo, capitalismo y el sistema mundial en la perspectiva de América Latina y el Caribe. **Revista Mexicana de Sociología**, v. 49, n. 3, p. 3-58, 1987.

STERN, S. J. Todavía más solitários. **Revista Mexicana de Sociología**, v. 51, n. 3, p. 347-361, 1989.

WALLERSTEIN, I. A reestruturação capitalista e o sistema mundial. **Perspectivas**, São Paulo, v. 20, p. 249-263, 1998.

WALLERSTEIN, I. Análise dos sistemas mundiais. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Orgs). **Teoria Social Hoje**. São Paulo: Ed. UNESP, 1996. p. 447- 470.

WALLERSTEIN, I. **Capitalismo histórico e civilização capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. 144p.

WALLERSTEIN, I. Comentarios sobre las pruebas críticas de Stern. **Revista Mexicana de Sociología**, v. 51, n. 3, p. 329-346, 1989.

WALLERSTEIN, I. **Impensar a Ciência Social**: os limites dos paradigmas do século XIX. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. 336p.

WALLERSTEIN, I. **O sistema mundial moderno**. Vol. I: a agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI. Porto: Ed. Afrontamentos, 1990. 95p.

WALLERSTEIN, I. Uma política de esquerda para o século XXI? ou teoria e práxis novamente. In: LOUREIRO, I., CEVASCO, M. E.; LEITE, J. C. (Orgs.). **O espírito de Porto Alegre**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 15-39.

Recebido: 30.10.2023

Aceito: 20.12.2023